

DO ERRO A ERRÂNCIA: CONSIDERAÇÕES EM MONITORIA DE ATELÊ

ISADORA DE LIMA CARDOSO¹; MARTHA GOMES DE FREITAS²

¹Universidade Federal de Pelotas (UFPel)- isalimacardoso@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas (UFPel)- marthagofre@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

“As coisas não querem mais ser vistas por pessoas razoáveis: Elas desejam ser olhadas de azul”, assim diz o poeta Manoel de Barros. (BARROS, 2016, p18) Proponho colorir de azul a ideia de erro, agregar uma cor para sinalizar uma diferença de entendimento, instalando a possibilidade do aproveitamento daquilo que não esperamos, dentro do espaço de ateliê, no campo das artes visuais.

Pela minha experiência em monitoria durante a pandemia, como bolsista do programa de iniciação ao ensino na disciplina de Ateliê de Processos Criativos II - modalidade virtual, percebi que o erro, no ateliê, se coloca como algo frutífero, no sentido daquilo que pode dar frutos ao permitir outras soluções, se contrapondo com a ideia de erro como algo negativo e que precisa ser apagado.

Este breve texto se propõe a pensar um trânsito entre o erro e a errância, uma vez que soma-se a esta atividade recente da monitoria a experiência na produção pessoal com desenho, tendo como referência as crianças e sua abertura para o experimental.

Para pensar essas relações trago semelhanças entre poetas e artistas visuais em questões que tocam ao imaginário, esse lugar da invenção. Para tanto cito o documentário Janela da Alma que provoca a partir do olhar as leituras de mundo, atravessadas pela experiência. Aproximando ainda ideias comuns entre os poetas Paulo Leminski, Manoel de Barros e Ferreira Gullar no que toca a utilidade, a capacidade de transver e a compreensão de um movimento para fora do ordinário.

2. METODOLOGIA

Durante minha atuação como monitória percebi que muitos alunos têm dificuldade em lidar com o erro dentro da produção, o que me permitiu escrever este texto para manifestar a existência dessas ideias que apostam no que nos surpreende.

Certo dia, durante a monitoria, em conversa com duas alunas, artistas em formação do 6º semestre do curso, elas afirmaram que não tinham uma produção, algo que as envolvesse. Por esta fala, eu pensei que a ideia de erro estava muito enraizada nos seus percursos enquanto estudantes e que possivelmente isso dificulta uma percepção mais aberta dos processos de criação e soluções em ateliê.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No desenho tenho como referência a espontaneidade e a abertura para experimentação própria às crianças, a capacidade de incorporar surpresas de percurso. Segundo a artista visual e professora Edith Derdyk podemos destacar um estado específico para tal:

A criança é um ser em contínuo movimento. Este estado de eterna transformação física, perceptiva, psíquica, emocional e cognitiva promove na criança um espírito curioso, atento, experimental [...] Vive em estado de encantamento. (DERDYK, 2020:19)

Na direção deste movimento compreendendo a ação de desenhar e os processos criativos, reafirmo a conscientização do que é visto como erro, para agregar um estado de errância. Um movimento que é contínuo e que considera o erro uma possibilidade rica para novos resultados. Assim, a errância passa a ser o erro em movimento no encontro com o inesperado. Um espaço de abertura.

Nos processos criativos, podemos acrescentar novas compreensões para os trabalhos em ateliê, por meio de outra relação com o erro, possibilitando o surgimento de soluções até então não planejadas.

As experiências em ateliê evocam relações vigorosas no que diz respeito à imaginação criadora. Por meio da arte podemos acrescentar uma nova camada de entendimento, possibilitando o questionamento do mundo, abrindo espaço para a invenção. Segundo Gullar:

A arte é uma reinvenção da realidade. Isso não quer dizer que a vida seja pouca, seja pobre. A vida não é pobre, ela é rica. Mas o artista sempre vai querer inventar mais do que existe. Então quando eu fizer mais uma poesia, mais um quadro, eu estou acrescentando uma coisa ao mundo.[...] Algo que só existe ali. (GULLAR, 2014)

Somente quando entendemos a arte neste lugar de liberdade, podemos dizer que não há erro, uma vez que trata-se de um processo pautado em critérios próprios. O artista ao agregar um estado de errância, essa possibilidade em aberto do erro, convoca um desvio da norma, que se alinha com a imaginação criadora. Assim as coisas já não são vistas da mesma forma que antes, elas ganham outros contornos. Voltando a Ferreira Gullar: “A arte existe porque a vida não basta.” (idem) Logo ela quer mais, outras formas de ser.

Ainda neste percurso faço menção ao poema de Paulo Leminski, *O indispensável in-útil* que trata daquilo que é útil, colocando a arte criticamente, no lugar dos inutensílios. Afirmo novamente, as coisas podem mais, por vezes vão além da sua atribuição.

Assim Leminski escreve: “[...] E obras de arte são rebeldias. A rebeldia é um bem absoluto. Sua manifestação na linguagem chamamos poesia, inestimável inutensílio.” (LEMINSKI, 1997, p.78)

Os poetas Paulo Leminski, Manoel de Barros e Ferreira Gullar por meio de suas falas transcritas aqui tocam uma saída para o já previsto, indo em direção a algo mais proveitoso.

4. CONCLUSÕES.

Partindo das experiências na monitoria e da minha prática pessoal com desenho, penso no aproveitamento do erro enquanto algo frutífero ao convocar outras soluções dentro do ateliê. Espontaneidade e curiosidade movem em direção a essa consciência de um percurso aberto, como nos diz Manoel de Barros, o artista transvê a realidade, ou seja, ele revê o que lhe é dado criando outras possibilidades. (BARROS, 2001)

Na experiência em Ateliê de processos criativos II pude perceber a dificuldade dos alunos, artistas em formação, de lidar com o erro, de perceberem-se nesse lugar de autonomia, lidando com aquilo que não é esperado. Entretanto, como monitora, pude possibilitar um olhar mais aberto aos processos criativos, indo na direção de perceber o que seria desprezado como algo que pode ser rico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BARROS, M.D.B. **O LIVRO DAS IGNORÂÇAS**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2016.
- DERDYK, E.D. **FORMAS DE PENSAR O DESENHO**. São Paulo: PANDA Educação, 2020.
- Institutousiminas. **“A arte existe porque a vida não basta”** site, Minas Gerais, 28 dez. 2020. Acessado em 21,Agost. 2022. Online. Disponível em: <https://www.institutousiminas.com/destaques/a-arte-existe-porque-a-vida-nao-basta/>
- Leitorcabuloso. **A poesia não serve para nada!** site, São Paulo, 12 jun. 2013. Acessado em 18, Agost. 2022. Online. Disponível em: <https://leitorcabuloso.com.br/2013/06/poesia-nao-serve-pra-nada>
- JANELA DA ALMA**; Direção: João Jardim; Walter Carvalho. Produção: Tambellini Filmes e Produções Audiovisuais. Brasil: Copacabana Filmes e Produções, 2001. Online.